

Animatógrafo

N.º 67 (3.ª SÉRIE) — LISBOA, 17 DE FEVEREIRO DE 1942 — DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — PUBLICA-SE ÀS TERÇAS-FEIRAS — PREÇO: 50 CTVS.

HELLO, BOI!

Há coisas que, contadas, não se acreditam. E, no entanto, garantimos ao leitor que a monstruosa facécia de que vamos ocupar-nos é tudo quanto há de mais autêntico. Imagine o leitor que acaba de se fundar em Lisboa um grupo taumático...

E então? Isso que tem?... — interrompe o leitor. «Animatógrafo» leva assim tão longe a sua fúria cinéfila, que se insurja contra a conservação duma das mais garbosas tradições portuguesas: a Tauromaquia?... Considera o Campo Pequeno, com o seu quartelão de touradas anuais, um concorrente de tal monta que valha a pena vir tentar demolir-lo em artigo de fundo?...

Nada disso. «Animatógrafo» gosta de touros e de toureiros. O primeiro filme realizado por quem dirige o jornal e assina estas linhas, foi, exactamente, um filme feito em louvor da «festa brava». E é por isso mesmo, em nome da nossa portuguesa e entusiástica afeição pelas touradas, que nos indigna e nos alarma o grupo taumático que agora se fundou.

É que ele é — figurem-se! — de inspiração cinéfilo-americana! Nasceu sob a égide de «Sangue e Arena», a fita que indignou, apesar das suas qualidades técnicas, todos os «aficionados» do toureio, todos os que conhecem a verdadeira Espanha, ali enegrecida e convencionalizada, a favor do falso pitoresco do cromo internacional.

Meia dúzia de cinémanos (dos de bigodinho) descobriram os encantos desportivos e artísticos da «faina» através dos planos do sobredito filme. Para eles, nascidos no país que se orgulha do Ribatejo, dos touros do Palha, dos Robertos, dos Casimiro e do Nuncio, as imagens de «Blood and Sand» é que os converteram à lide destemida do gado bravo. Perderam a cabeça, arranjaram umas tourinhas, e passam as tardes a ensaiar «naturais» e «verónicas», diante dos «olés» dos comparsas, a que vão dando, sucessivamente, a alternativa!

Triste coisa. Foi necessário vir, por ricochete, do lado de lá dos mares, da prestigiosa estrangeira, o baço e desajeitado reflexo duma antiga e clássica diversão peninsular, para que esses importugueses dessem por ela, reparassem nela, a admitissem, admirassem e adoptassem! Tão denodados e arredios das nossas coisas andam seus ânimos, que só por elas se interessam e só as apreciam depois de traduzidas — e traídas! — em «slang» americano!

Não sei se vêem, como nós, o feio sintoma e grave perigo que isso representa. A «deletéria» influência dolariana, de que falava, no último «Animatógrafo», Afonso Lopes Vieira, depois de subverter a nossa moral, o nosso gosto, a nossa religião e a nossa política, ameaça agora as tradições ibéricas, impondo-as ao público português em versões gangsterizadas. Bem nos bastava já a tremenda vulgarização do amor mais fácil; a incrível exacerbação dos instintos, por sedução fotogénica; o grau pernicioso a que foi levada a nossa exigência em matéria de beleza física (já não há costureirinha que se apaixone a valer por quem não for tão belo como o Robert Taylor, nem rapaz que goste de quem não for tão «exciting» como a Heddy Lamarr). Vêm agora

O CINEMA PORTUGUÊS CONTINUA!

«LOBOS DA SERRA» O NOVO FILME DE JORGE BRUM DO CANTO estreia-se no dia 23

E o Cinema português continua! Passam de largo a má vontade e a dúvida, começam a ficar, cada vez mais para trás, os que não acreditaram, ou os que fingiram não acreditar num Cinema de Portugal feito com gente, com sentimentos e com histórias portuguesas. Todos os argumentos dos que não queriam, todo o esbracejar, val morrendo, no choque com esta barreira de realidades que a nascente cinematografia portuguesa vai criando, fita a fita, com apresentações que entram num ritmo regular, a traduzir continuidade e segurança de trabalho.

Um mês depois da apresentação de «O Pálio das Cantigas», última produção dos nossos estúdios, vai estreiar-se outra fita portuguesa: «Os Lobos da Serra».

Uma estrela portuguesa revestiu-se, sempre, de especial significado para os que seguem e acarinham o nascer da arte e da indústria, do espectáculo que era indispensável existir em Portugal. Primeiramente, era a satisfação de se demonstrarem as possibilidades duma realidade futura; mais tarde, quando a fé começava a abandonar alguns, era para os mais corajosos, para os sempre fiéis à Idéia, um sinal de vida animadora, uma acha para alimentar durante mais uns meses o fogo sagrado...

A situação começa, agora, a mostrar a outra face, a face vitoriosa, e os fiéis e os que novamente vieram, confiantes na vitória do Cinema português, sentem em cada estreia um momento dum ritmo de vida que, com segurança, se vai tornando realidade de peso, respiração regular.

batendo, mais, a guerra surda dos que não querem ver triunfar o nosso Cinema, para, no fim, enfrentar quantos julgam que deitam a terra com duas opiniões fáceis e três palavrinhas, misturadas com *oh boy* e *good bye*, o fruto dum trabalho intenso, feito com gosto de nervos, de energia, com sacrifício das horas de repouso, de comodidades, de tudo o que se sacrifica durante os dias esforçados em que se prepara e realiza uma fita.

Mas, como em qualquer parte do mundo, não-de-triunfar os que têm fé, os que querem e realizam, os que acreditam e acarinham. E cada vez há-de aumentar a legião de portugueses que quer Cinema português, e cada vez mais o nosso público há-de acarinhá-lo as fitas portuguesas, para lhe apresentarmos melhores filmes.

E sempre que, como agora acontece, se apresentar nova fita portuguesa, haverá alegria em quantos acreditam, e será festa para as colunas do «Animatógrafo», anunciar a sua apresentação.

Resolvidos, para o seu caso particular, os problemas que a exibição de «Lobos da Serra» suscitou, a nova fita vai ser entregue ao público, e enriquecer um tesouro com que, cada vez mais, o nosso Cinema há-de contar.



Começa a surgir a variedade

Queremos referir-nos à variedade de temas e de assuntos que, no seu desenvolvimento, vai abraçando o nosso Cinema. A terra, as cidades, e as gentes de Portugal são um manancial sem fim. Do manancial sem fim vão saindo as histórias diferentes, as pa-

sagens variadas, os ambientes inéditos dum cinema com características nacionais, na sua moral e na apresentação de todos os motivos.

Já haviam andado os argumentos de filmes portugueses pelo Minho, nas vindimas, já nos salões, já na gente do mar, já nas terras da Beira já nos

(Conclui na 2.ª página)

23 de Fevereiro: Recita de Gala no Tivoli

A recita de gala com que, no próximo dia 23 se estreia, no Tivoli, «Lobos da Serra» é mais uma prova do que agora repetimos, e já mais que uma vez repetimos, muito propositadamente.

Uma fita representa, em qualquer parte do mundo, uma batalha encarniçada que se levou de vencida. Em Portugal, é uma batalha feita de lutas sem fim, combatendo as dificuldades próprias e inerentes ao trabalho, com-

à praça com a interpretação hollywoodesca e grotesca dos nossos costumes e da nossa psicologia. Dos modelos latinos que procuram, só reflectem imagens deformadas, exageradas, como aquela inconcebível Dona Sol, ou como aquele repulente Curro Caro. Veja-se a apresentação sistemática, em moldes broadwayanos, dos quadros argentinos, brasileiros, espanhóis, e até portugueses, em filmes como «One Night in Lisbon», que nem sequer houve a coragem de mandar vir para ver como era, pois já de sobejo se sabia o que aquilo era...

E o pior é que a magnificência do espectáculo oferecido, embota, como um estupefaciente, a sensibilidade dos espectadores mais patriotas, deitando-lhes nos olhos a mais perigosa poeira de ilusões, para lhes deixar no coração o mais corrosivo veneno.

E ora aí está como agora, nesta hora em que o trágico e o cómico se dão as mãos vazias, vamos passar a ouvir os novos prosélitos da tauromaquia, emulos do «diestro» Tyrone Power, gritar, em vez da clara e galharda exclamação: «Eh! Toiro lindo!... Eh! Real!... — um gracioso e americaníssimo «Hello, Boi!...»

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



FLORENCE MARLY

parte para a Argentina

sico, como a «Phédre» de Racine, em heroínas modernas de Maetelinsk ou de Sudermann, a sua sensibilidade poderia transmitir ao seu real talento, numa alquimia perfeita de nervos e de músculos, essa verdadeira materialização de pensamento que é a criação teatral.

Damos com esta opinião prova irrefutável de egoísmo ferroz, pois vai ser seguramente preferível para o mundo, poder, pelo milagre do cinema, editar a sua fotogenia em muitos exemplares, espalhando-a pelos «cérons» dos quatro cantos da Terra. Mas isso em nada influirá, por certo, na carreira inevitavelmente brilhante de Florence Marly — e, assim, ficamos com a consciência tranqüila, como depois duma confissão, ou dum simples desabafo...

Preguntamos a Florence Marly, num passageiro encontro, quais são os papéis que mais gostaria de interpretar no cinema:

— Duas figuras me obcecaram, me fascinam: Mathilde, a Mathilde do «Le Rouge et le Noir» — e o polo feminino oposto, de que um realizador português me disse uma vez que eu seria (na tela, é claro!) a encarnação ideal: a Marquessa de Merteuil, dos «Liaisons Dangereuses», de Laclos...

— E pensa representá-lo um dia?

— Sei lá! Mas tenho esperança. E com ela que parto para a América, embora saiba que não é, evidentemente, na América, do Sul ou do Norte, que existe o «clima» necessário à interpretação de duas figuras femininas tão retinamente europeias.

— Parte, então, com a esperança de voltar?

— Deoerto! E conto que seja muito breve; e desejo do fundo da minha alma que já seja em paz!

— Por agora, onde vai, que vai fazer?

— Vou ao Rio de Janeiro, e a Buenos Aires, onde me espera um contrato.

— Depois...

— Depois, espero a América do Norte. Não me julgue uma cabotina!... Mas julgo ter a força de vontade bastante para tornar realidades os meus desejos.

— Saudades de Portugal?

— Muitas. Sinceras. Tinham-me dito, antes de vir para aqui, que elas seriam inevitáveis, no dia em que partisse, por menos tempo que eu me demorasse...

— Alguém que conhecia bem Portugal lho disse, com certeza...

— E eu confesso que não acreditei.

— E agora? Acredita?

Florence Marly olhou para nós, para o lindo sol de inverno que doirava a Baixa. E olhou de tal maneira que não precisámos que nos respondesse.

E, no momento de partir, seremos nós quem lhe dirá, tão sinceros como ela:

— Também Portugal fica com saudades suas, Florence Marly, Mathilde de Merteuil — aliás Florence Marly!...

PANORÁMICA

Grémio dos Cinemas

Foi eleito recentemente a nova direcção do Grémio Nacional dos Cinemas. Continuaram a fazer parte da direcção para a gerência de 1942, os srs. Lopo Lauer e Armando Miranda. O sr. dr. Campos Figueira, presidente cessante, assumiu a presidência da Assembleia Geral. Foi substituído no lugar que deixa vago pelo sr. João Ortigão Ramos, empresário do São Luiz.

Aos directores eleitos, os nossos parabéns, e votos de feliz gerência.

Assembleia Geral do Sindicato

Realiza-se, conforme os estatutos determinam, no próximo domingo, 22 de Fevereiro, a Assembleia Geral Ordinária do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, para a apresentação das contas da gerência de 1941 e eleição dos corpos gerentes para o ano corrente.

O Presidente da actual direcção, e director do «Animatógrafo», avistará-se ainda esta semana, no Pôrto, com a Delegação do Sindicato, a fim de preparar os trabalhos e dar conhecimento de um despacho recente do sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência, que modifica sensivelmente o âmbito actual daquele organismo corporativo.

António Ferro

Os sócios do Círculo Eça de Queirós promovem no dia 22, domingo, um serão de homenagem ao presidente da sua direcção, António Ferro, director do S. P. N. e da Emissora Nacional, pelo êxito retumbante da sua missão à América do Sul.

O sr. dr. Manuel Múrias, director de «Acção» e sócio do Círculo, abrirá a festa com algumas palavras sobre a personalidade e a obra notabilíssima, tanto literária como política, do homenageado. E António Ferro dará a conferência que realizou na Academia Brasileira de Letras, e que se intitula «Portugal Brasil, Estados Unidos da Saúde».

Um recital de música brasileira e portuguesa encerrará a noite, que promete ser brilhante, como é justo que o seja uma homenagem tão merecida ao português que mais tem contribuído pela conservação, actualização e difusão das coisas portuguesas do espírito.

Decepção segura

Os foliões que contavam, possivelmente, com um número carnavalesco do nosso jornal, para marcar a coincidência da sua data de saída com a celebração anónima do Entrudo, devem ter sofrido rija decepção ao ver-nos aparecer sem máscara, como em qualquer outro dia, e sem nenhuma disposição para a brincadeira.

E que, com coisas sérias, não se brinca; e a batalha em que andamos empenhados, hoje e para o Cinema Português, é uma coisa realmente séria.

Surgem-nos pela proa os mais nojentos xéxex, com insultos escritos nos bicornes... Bismagham-nos com os líquidos mais corrosivos... Polvilham-nos com os póis mais sujos e atiram-nos as chalaças mais ordinárias...

Coltados! É Carnaval, e eles precisam de aproveitar o calendário para expandir a inata grosseria.

Mas nós surgimos cobertos com as cinzas da guerra, mais predispostos às privações da Quaresma que à folgança dos dias gordos. Aos mais sensaborões, deixamos o roer o remorso que sempre vem depois das partidinhas inúteis. E aos mais insolentes — mandamo-los prender pela polícia.

A TAÇA E AS MEDALHAS

Podemos hoje revelar aos nossos leitores que já se encontram apurados os artistas a quem são atribuídas as Medalhas do «Animatógrafo» de 1941. Foram votadas cinco actrizes, mas a vencedora destacou-se das suas competidoras por grande maioria. O mesmo sucedeu com o actor vencedor, que também obteve larga margem sobre os seus concorrentes. Além do vencedor, outros seis actores tiveram votos para a Medalha respectiva.

Falta ainda apurar, porém, o filme vencedor da Taça do «Animatógrafo» para 1941. O primeiro escrutínio deu um empate entre os dois filmes mais votados — distanciados por grande número de votos dos outros seis filmes que também foram votados.

Em face do empate — e tal como aconteceu o ano passado com os actores — foi necessário proceder a uma segunda volta entre os membros do júri que votaram em filmes diferentes daqueles que se encontram empatados. Por toda esta semana proceder-se-á ao segundo escrutínio, apurando-se então também o vencedor da Taça do «Animatógrafo» para 1941.

Os resultados, que por enquanto se conservam secretos, serão proclamados, conforme já anunciamos, numa festa organizada propostadamente para o efeito, exactamente como no ano transacto. Muito brevemente revelaremos a data em que se realizará a festa dos prémios do «Animatógrafo», bem como o seu programa, autenticamente sensacional.

POSSIBILIDADES IBÉRICAS E IBERO-AMERICANAS

O PORTUGUÊS

O REALIZADOR

DIAS AMADO

Director de produção de «RAZA»
está em Lisboa

BENITO PEROJO

vai á Argentina com grandes projectos

«Animatógrafo» acredita em muitas coisas que só parecem impossíveis aos que ignoram os verdadeiros dados do problema. Tudo o que sirva para as esclarecer, merece o maior destaque nas nossas páginas. Assim, heja o que houver, não se dirá que não indicamos o caminho...

Luis Dias Amado Herrero, nosso compatriota, que há muito tempo está ligado a importantes assuntos de cinema em Espanha, encontra-se em Lisboa. Ainda há bem pouco dele falámos ao referirmo-nos ao filme «Raza», de que foi director de produção.

O filme que foi já apresentado em Espanha teve o inteiro apoio das entidades oficiais (até se diz que o autor do argumento foi o próprio Caudillo) e a dedicada colaboração do Conselho da Hispanidade, e serviu para demonstrar as possibilidades actuais da indústria de filmes espanhola.

Em recente e breve conversa que tivemos com o director de produção deste filme, foi-nos dada a certeza destas informações. O sr. Luis Dias Amado acrescentou ainda que os resultados não podiam ter sido mais lisonjeiros. E acentuou:

— Procurou-se, acima de tudo, fazer cinema apenas com elementos espanhóis. Tanto quanto possível, evitou-se a colaboração estrangeira e este é sem dúvida, um dos aspectos característicos do cinema espanhol actual. O público acarinha com entusiasmo os seus filmes, mas sente-se desgostoso quando nêles intervêm ainda muitos técnicos estrangeiros. Assim, procurámos «governar-nos» com a prata

da casa... que, diga-se de passagem, já não é má!

E concretizando melhor as suas palavras:

— Aparte o decorador alemão, todo o restante pessoal foi recrutado entre os melhores técnicos espanhóis. Mesmo assim, ao lado daquê e trabalhou sempre um espanhol. O operador foi o vosso conhecido Gaertner — mas, como se sabe, ele já está naturalizado espanhol...

O nosso entrevistado disse depois que conta apresentar em Lisboa muito em breve o filme «Raza», cuja cópia trouxe consigo. Esperava apenas a chegada do sr. embaixador de Espanha de regresso da histórica Conferência Peninsular, afim de se acertarem todos os pormenores da respectiva apresentação, para a qual serão feitos convites especiais ao Governo, diplomatas, jor-

(Conclui na 5.ª página)

Benito Perojo, um dos mais prestigiosos realizadores da vizinha Espanha, está em Lisboa. Aguarda a chegada do «Cabo de Buena Esperanza», que passa no Tejo, no próximo dia 19, e que o levará à Argentina, onde vai a convite do Ministério da Educação Nacional. Depois de ter trabalhado em Hollywood e nas principais capitais europeias, Perojo, 1.º Prémio da Bienal de Veneza de 1941, vai agora actuar nos estúdios de Buenos Aires, em obediência a um plano que traçou e que interessa extraordinariamente ao futuro da cinematografia das duas nações irmãs.

A Argentina, que aproveitou o exodo dos profissionais europeus, para enriquecer os seus quadros técnicos, prossegue, assim, a obra de valorização e de renovação do seu cinema, iniciada sob tão bons auspícios.

Procurámos Benito Perojo, para o ouvir — no momento em que se apresta a

deixar o Velho Continente, em demanda de novos horizontes cinematográficos.

— Ao contrário do que poderia supor-se do nome da entidade oficial que o convidou a deslocar-se à América do Sul — eu não vou à Argentina para fazer orientar a produção de filmes culturais. A minha viagem tem uma finalidade: vou procurar estabelecer as normas a seguir para que a produção espanhola possa interessar o público argentino — e para que as películas feitas nos magníficos estúdios de Buenos Ayres tenham em Espanha um acolhimento que se traduza numa longa carreira. Por vezes, acontece o seguinte: os filmes espanhóis não alcançam êxito nas telas da grande república sul-americana, porque tinham um interesse puramente local. E vice-versa. Estudando a solução deste óbice à expansão dos filmes espanhóis e argentinos, nos dados que respectivamente lhes interessam — eis o fim da minha viagem.

— Simples elaboração de relatórios, recolha de números, organização de estatísticas?...

— Não! Conto poder exemplificar praticamente a orientação a seguir. Durante os seis meses da minha permanência do lado de lá do Atlântico, deverei realizar dois filmes — dois filmes argentinos, com as condições julgadas necessárias para que possam fazer carreira no meu país. Depois do regresso — e procurarei contribuir as coisas nesse sentido — espero realizar dois filmes, em Espanha, com as características indispensáveis para interessar o público da Argentina. E se tal conseguir, teremos dado um passo decisivo para o futuro das duas cinematografias, que não podem ignorar ou desconhecer os mercados do que precisam, reciprocamente.

— O cinema, em Espanha?

Benito Perojo pesa as suas palavras — e diz-nos:

— O cinema espanhol atravessa, neste momento, o mais brilhante período da sua vida, se o encararmos sob o ponto de vista estatutário. Temos leis que facilitam os créditos necessários para produzir, e outros diplomas que concorrem para estimular todos aqueles que queiram dedicar-se à feitura de filmes. Produz-se muito — mas, dum modo geral, produz-se mal. E enquanto tal estado de coisas se mantiver — e esperança temos de que evolua para o bom caminho — as medidas promulgadas não atingem a finalidade que têm em vista: um cinema que se imponha não só pela quantidade, mas, acima de tudo, pela qualidade.

Benito Perojo fala-nos longamente dos vários problemas da produção, em Espanha:

— A meu ver, há um manifesto desajuste entre estes termos de equação: custo do estúdio, «cachets» dos intérpretes e o rendimento comercial do filme, na sua exploração pelos cinemas do país. O estúdio de Chamartin custa 6.000 pesetas por dia. Com a luz, e outras alavancas, pode computar-se o aluguel do mesmo em 8.000 pesetas diárias. Isto quer se filme, quer se «construa» — quer se utilize ou não dentro do prazo do contrato. Se tomarmos como base 60 dias de filmagem, saí a verba do estúdio pode avaliar-se em cerca de 480.000 pesetas. O custo médio dum filme em Espanha computa-se em 1.000.000 de pesetas. O estúdio a construção dos «décors» absorvem, só por si, 45 a 50 % do custo do filme. Há estúdios mais baratos. Estúdios com aparelhagem de som deficientes. Esses, pagam-se à razão de 4 a 6.000 pesetas diárias.

— Os actores?!

— Os actores, a meu ver, também estão num plano, que não se coaduna com as realidades do dia a dia. Qualquer protagonista dum filme ganha 50.000 pesetas. Há actores que cobram 80 mil — e mais do que isso!

— Mas a Espanha, com mais de 1.000 cinemas, não amortiza facilmente o custo de um filme?

— Facilmente, não. Por muitas e variadas razões. É preciso que o mesmo tenha êxito, e que agrade. Para que um filme de um milhão de pesetas seja amortizado é necessário que faça receitas de dois milhões e 600 mil pesetas, pelo menos!

(Conclui na 5.ª página)

“LOBOS DA SERRA”

estrea-se no TIVOLI na próxima 2.ª feira, 23

(Conclui na 1.ª página)

populares e nos burgueses bairros de Lisboa, já a par com a História, já nas ilhas e pelas terras africanas. A medida que cresce a quantidade de filmes apresentados, esquecem-se os factos secundários, que os identificam porque formam a sua raiz portuguesa, e vão-se tornando evidentes as características que diferenciam as nossas produções pelos temas e pelos géneros.

Como outras lendas, que caíram pela sua própria instabilidade, desfaz-se assim a acusação tão insistente como inconsistente de que o Cinema português é sempre igual. Mais uma história de ambiente e de estrutura completamente nova, vem para as nossas telas com «Lobos da Serra».

Uma história cheia de actualidade e um magnífico conjunto

Jorge Brum do Canto baseou o seu novo trabalho numa história original, onde dois temas, um movimentado, que é a vida dos contrabandistas, e outro sentimental, se ligam para erguer uma ideia moral — que é o regresso à terra e o abandono do lucro fácil, mas ilícito, do contrabando.

Pelos cenários grandiosos da Serra da Estrela e da Serra da Peneda, vão passar as cavalgadas do bando do contrabandista Chioia, fugidas e escondidas da vigilância da Guarda Fiscal. São eles que, descendo ao povoado, virão tentar, a vida calma que se desenhava na paisagem tranqüilla da terra do Minho.

Quando a desgraça cai sobre a paisagem tranqüilla as tentações do contrabando são maiores, mais apertadas e mais vivas. Contra elas reage, luta, bate-se o amor da terra, a energia dum amor sólido, forte, tão forte que é capaz de vencer as maiores tentações. E tudo se desenvolve nos tons mais variados entre as horas felizes e alegres da vila minhota, as horas amarguradas e desesperadas dos que lutam para vencer, entre os momentos da aventura desenfreada, viril mas trágica, dos contrabandistas.

O interesse pela obra que Jorge Brum do Canto realizou com este material não podia ser mais justificado. O realizador festejado da «Canção da Terra» e do «João Ratão» dispõe de todas as gamas e de todas as intensidades, numa história da sua autoria, tratada e desenvolvida por ele, sem obrigatoriedade, portanto, de ceder, da sua personalidade de cinematografista fecundo a favor de qualquer criação alheia, nada que alterasse a sua visão de conjunto.

Por outro lado, Jorge Brum do Canto rodeou-se dum grupo de intérpretes cuidadosamente escolhido, quasi todos largamente conhecidos do público

blico e muito justamente consagrados como podem verificar os leitores do «Animatógrafo» pela distribuição de «Lobos da Serra» que é a seguinte:

Personagens e interpretes

António — António de Sousa
Margarida — Maria Domingas
Tio Luís — António Silva
Sarg. Batata — Manuel Santos Carvalho
Joãozinho — Costinha
Joaquim — Carlos Otero
Sr. Conceição — Maria Emilia Vilas
Padre Eduardo — Silva Araújo
Cabo Maximino — Armando Machado
Senhora Micas — Ema de Oliveira
1.º Guarda Fiscal — Carlos Barros
2.º » — Reginaldo Duarte
Tio João — Artur Rodrigues
Rinha — Leite Rosa
Chioia — José Alves
Pintassilgo — João Guerra
1.º Contrabandista — João Tavares
Pancheo — António Rosa
Lola — Madalena Vilça
A Garota — Natália Silva
1.º Miúdo — Armando Chagas
2.º » — António Viana
3.º » — João Marques
Patinhas — O Próprio

A-pesar das dificuldades, sem par, que se levantam ao Cinema português, e da variedade de cenários em que decorria a acção de «Lobos da Serra», o esforço considerável produzido por toda a «equipe» venceu todas as dificuldades, e o resultado vai certamente ser apauddo na noite da próxima segunda-feira, no Tivoli.

As cenas na neve filmadas na serra da Estrela, com a gans graus abaixo de zero, a chela e toda a respectiva sequência, que exigiu, tanto em interiores como em exteriores, efeitos de chuva, relâmpagos e trovoadas, tudo obrigou artistas e técnicos a um trabalho árduo, para que o resultado final fosse de molde a satisfazer, como espectáculo, como vibração dramática e intensidade cinematográfica.

Bastaria o aprêgo do público em especial e dos cinefílos em particular pelas qualidades de realizador de Jorge Brum do Canto para justificar o grande interesse da estreia de «Lobos da Serra». Já dissemos. Mas há que salientar, também, o interesse de apreciar o trabalho de César de Sá porque voltaremos a ver fotografias de exteriores com assinatura deste operador.

E não tem menos interesse a música de Jaimé Mendes, festejado autor do acompanhamento musical e de algumas canções de «Pão Nosso».

Raul Faria da Fonseca, artista que desde a sua nunca esquecida «Lenda de Miragaia» pertence ao Cinema e que foi, com «João Ratão», a descoberta segura dum decorador cinematográfico, foi também desta feita quem desenhou os cenários do filme de Jorge Brum do Canto. E isto terá certamente uma importância que seria escusado avultar.

Outros técnicos profissionais do nosso Cinema colaboraram em «Lobos da Serra» e constam da seguinte ficha técnica que nos foi fornecida pela Tóbis Portuguesa:

Director de Produção — Dr. Rodrigues Pinto.
Realizador — Jorge Brum do Canto.
Argumento e Diálogos — Jorge Brum do Canto.
Música — Jaimé Mendes.
Cenários — Raul Faria da Fonseca.
Assistente de Decorador — Leite Rosa.
Operador de Imagem — César de Sá.
Assistentes de Operador — Perdigo Queiroga e Cândido Silva.
Operador de Som — Sousa Santos.
Assistente de Som — Mário Malveira.
Assistente Geral — Fernando Garcia.
Assistente de «plateau» — Oscar Acúrcio.
Anotador — Constantino Esteves.
Caracterizador — António Vilar.
Aderescista — Laura Campos.
Fotógrafo — João Martins.
Estúdio — Tóbis Portuguesa.
Produção — Tóbis Portuguesa.
Distribuição — Sonoro Filme.
Sistema de Gravação — Tóbis Klang Film.
Laboratório — Lisboa Filme.
Película — Kodak.

A apresentação deste filme da Tóbis Portuguesa, que, tal como a Produção A. L. R., entrou no caminho da produção contínua de filmes, primeiro duma série de que farão parte «Ala Arriba» e «O Costa do Castelo» agora em filmagem, mais radica a certeza de que o nosso cinema segue, e será cada vez mais nosso e mais triunfante.

A plateia do Tivoli na próxima segunda-feira vai ser apresentada mais uma obra portuguesa, de sentimentos portugueses e, até mais, segundo nos declarou o seu Director de Produção Sr. Dr. Rodrigues Pinto «uma obra que nos apresenta uma classe do povo português, não, talvez, como é, mas certamente como todos queremos que seja o seu nível de viver, construído sobre a base moral e sentimental que já tem e é, em tudo, apaixonante, na sua dignidade, no seu amor, no seu esforço pela terra».

O Cinema português continua! Mais um filme nacional. Mais uma pedra para o retrato sentimental, irónico e social da gente portuguesa que, como qualquer outra do mundo civilizado terá o seu Cinema.

CINEMA NO MUNDO

Porque se divorciam as mulheres de Hollywood

(De «SCREEN GUIDE» — FILADELFA)

um problema que pertence a to-mundo feminino: como conservar a vida. Pode dizer-se que é assim toda a parte — em toda a parte do Hollywood. Em Louisville, em Pittsburg, em Buenos Aires as antigas e antigas e antigas permanecem e, raramente mais evidentes, lugar do que noutro e, as próprias convenções de sociedade, variam com os continentes e países, pautam estas relações, na sua realidade.

As mulheres de Hollywood detestam, além dos problemas habituais, cinco agravantes do caso: a má fama, que mais do que era bom, era, preocupam: são as suas reações, a publicidade, o temperamento, os boatos maliciosos da «má fama» e as separações judiciais. É óbvio que não é em Hollywood o lugar onde as mulheres exercem o domínio. Contudo é a única terra onde a maior parte das mulheres, dentro do círculo social bastante limitado, são profissionais de quem os homens de Hollywood — homens do mesmo círculo social e, às vezes até mais bem pagas, que resulta deste estado de coisas, infelizmente por demais conhecido para ser revisto outra vez.

A publicidade faz de tal maneira arte da carreira das «estrelas» de Hollywood que seria impossível desligá-las dela. Tanto homens como mulheres, com maior ou menor malícia e vontade, adaptam as suas vidas sob a preocupação que nada prejudique o brilho e o valor dos seus nomes. E o romance em casa nunca nasce na discrição.

Algumas vezes o temperamento consegue fazer uma pessoa romântica, amorosamente interessante, isto é, porém, por pouco tempo. Ora o temperamento abunda nos artistas e dois temperamentos chocam-se muito depressa e tanto mais quanto maior for a personalidade de quem os possui. O boato é a ferramenta infame dos que querem quebrar paixões. Em Hollywood, provavelmente, ninguém, a não ser a família dos noivos se preocupa com o casamento. Em Hollywood o seu casamento pode custar a algum produtor uns milhões porque desmancha um par de bastante rendimento, ou porque afasta uma «estrela» para a zona de influência do estúdio, obriga os autores a modificarem argumentos escritos para figuras que o público passa a encarar diferentemente. Não pense que as partes interessadas fiquem inactas e sem espalhar a ofensiva de boatos e calúnias que mais lhes convenham.

Os divorcios vulgarizaram-se, banalizaram-se em Hollywood. Em toda a parte se deu esta vulgarização que aumentou a sua frequência mas o ambiente de Hollywood, impessoal e artificial torna-se particularmente fáceis. É pequena a compulsão social que guarda as pessoas casadas de experimentar o divórcio que é, às vezes — demasiadas vezes — permanente.

É possível que haja uma fórmula de relações capaz de permitir às mulheres da cinelândia, conservarem seus maridos; se a há, contudo, Hollywood não só não a descobriu como nem sequer ouviu falar dela.

As cinco razões porque se divorciam as mulheres de Hollywood

1 — Não querem abandonar a carreira e se estas não são a causa de todos os infortúnios da vida das estrelas o seu volume ensombra, pela importância, todas as outras razões. E porque as estrelas são incapazes de cuidar a si mesmas e seu casamento ou a sua paixão, como as mulheres de qualquer parte do mundo, elas comam, logo por por de parte a possibilidade de originarem o maior acasamento de Hollywood — um coração despedaçado.

2 — Não querem ter filhos. Algumas sentem que não podem criar filhos por causa das interrupções nas suas carreiras e da publicidade «cinestética».

Outras querem ainda defender o puro egoísmo inerente à maior parte, e que conta, de algum modo, para o seu sucesso evitando submeterem-se às cruéis bofetadas de Hollywood.

3 — Têm menos de vinte e cinco anos de idade. Em quase todos os outros sistemas sociais o modo de vida dum rapariga fixa-se nos seus dez anos ou menos ainda. Em Hollywood as incertezas da vida tornam difícil às raparigas ter uma perspectiva clara antes dos vinte e tantos, ou mais. As circunstâncias fazem as actrizes novas mudar muitas vezes de ideias e de valores espirituais.

Antes de Hollywood, contam-se entre aqueles que foram confirmados pela religião. As mulheres têm sido sempre menos práticas e mais espirituais do que os homens. Em Hollywood, onde as mulheres lutam pelo sucesso mais encarniçadamente do que os homens não hesitam e sacrificam essa espiritualidade intangível e acentuadora que os homens desejam numa mulher.

5 — Não sabem cozinhar. E isto é a expressão vulgar, significativa de que logo a partir deste pormenor, as «estrelas» não têm o sentido da construção dum lar, nos seus aspectos mental e físico.

Todos os maridos das actrizes anseiam um lar que seja o refúgio da excitação e da tensão em que vivem. As mulheres que não lhes dão um lar onde eles encontrem um pouco dessa tranquilidade raras vezes conservam o seu amor.

Encontros e desencontros do cinema português com Portugal

LISBOA ao domingo

Por Acácio Leitão

Certamente que um dos mais interessantes géneros de realizações de cinema é o documentário.

Relativamente pouco explorado, porém, parece que não tem sido aproveitado senão para, em substituição das antigas e enfadonhas fitas panorâmicas, fazer certa propaganda turística de paisagens, regiões e cidades, que são mostradas ao público através de breves e vagos entrecios, em que os fundos, os lugares da acção, monumentos, paisagens, avenidas, e ruas, castelos e museus, são valorizados, postos em relevo pelos apuros da fotografia, pelo bom gosto da escolha dos locais, da luz, da posição da objectiva, isto é, da perspectiva e enquadramento do panorama ou trecho que se filma.

No entanto, o documentário oferece ao espírito e à imaginação do realizador um vastíssimo campo a cultivar e explorar, com essas e outras, mais altas, intenções de observação crítica, de estudo cultural, de realização artística.

Uma infinidade de motivos, de temas, surgem e se nos apresentam, até sugerindo-se uns aos outros, insinuando-se e sucedendo-se, proporcionando-se espontaneamente, como as palavras... ou como as cerejas...

Em Portugal, sendo certo que a nossa produção cinematográfica tem participado largamente, e por vezes, excessivamente, abusivamente, diremos, de intenções documentais, pondo as acções dos filmes a decorrerem por esse país fora, também por vezes, bem inopinada e forçadamente, pouco mais se tem feito neste sentido, podendo dizer-se que estão ainda estereotipados e são ainda aparentemente ignoradas as enormes riquezas que podemos dispor.

Diziam, em tempos, o querido e superior artista José Pacheco que Portugal era um país delicioso, porque tendo todas as condições e elementos para se fazer e criar de tudo, tinha, no entanto tudo por fazer e criar, o que era excelente por não encontrar o espírito construtivo que aparecesse os entraves e tropeços do já mal feito, ou do já defectuosamente criado.

Tinha então José Pacheco certa autoridade para assim falar, pois, na sua esfera de acção dirigia a famosa revista «Contemporânea» que sobremaneira nos honrava como revista literária e de arte, e não parava o seu espírito, a sua imaginação dinâmica, a planejar iniciativas que a indiferença, ou a hostilidade do meio, não ajudava.

Entretanto distinguia, como exemplos, apenas, duas organizações industriais, lançadas e perfeitas.

Se hoje vivéssemos o saudável artista, verificador a justiça do seu conceito, com alegria e com orgulho, porque muito se tem feito e criado em Portugal nos últimos anos, e certamente com a vantagem por ele apontada de estar tudo por criar e fazer.

Isto, porém, ainda sucede em alguns aspectos da vida portuguesa que esperam, com latente ansiedade e o vivo optimismo das grandes épocas de vibração construtiva, de vastas e avançadas projecções, a hora de serem descobertos e lançados na agitação inteligente e dirigida da renovação e renascimento nacional.

Voltando, porém, aos documentários, ocorrem-nos assuntos, quadros, trechos de vida característicos que seriam de grande curiosidade e interesse.

O Homem é o culpado da sua própria desgraça. Por isto, ser verdade é que o público não é partidário, em geral, da manifestação artística pura. Gosta, quase sempre daquilo que não o obriga a pensar, gosta do fácil. Para o comprovar não precisamos mais do que folhear as páginas de qualquer História de Arte.

Nos tempos que correm, o Cinema agrada às multidões porque, embora sem dar por isso, o consideram como coisa fácil e sem complicações. Para mais, a objectivação dos acontecimentos, apresentados nos filmes de maneiras muito atraentes, encontram no público um rápido eco. Por isso é que enche as salas dos Cinemas e vê as fitas com agrado como coisa meramente imediata, como distração, quase sem se importar com o argumento, especialmente com a sua profundidade. A finalidade? Também não interessa (Referimo-nos à finalidade imediata). E nesta base, o público aceita tanto uma fita com música ligeira, como aceita uma produção com música clássica. A única coisa que o interessa é que seja uma fita, uma fita com estrutura de agrado. E o que em momento nenhum seria capaz de ouvir sem aborrecimento, durante os filmes escuta-o com gosto. Então porque motivo não aproveitamos mais este engano em benefício dos próprios enganados. Resultaria daí um benefício evidente.

A música, a verdadeira música, que é a de que estamos falando, e que chamamos pela designação geral e certamente equivocada, de «música clássica» é uma linguagem magnífica, o meio de expressão mais vasto que o homem possui. Mais completo, até, que as próprias palavras. A música não tem preconceitos, nem limites impostos pelas raças e pelos continentes. É universal. Com a palavra não compreendemos — falamos dum entendimento espiritual e de ideias — nada que não for expresso na nossa língua, ou em linguagem que entendamos artificialmente.

Com a Música sim, que chora, ri, joga, vive e, parte verdadeiramente, importante, nunca engana. Podemos afirmar muito mais, ainda, citando a frase de alguém que disse que «a Música é a única página escrita completamente a favor da Humanidade».

Pensamento filosófico notável, no qual está sintetizada toda a acção social que a Música pode exercer e que, no entanto

O CINEMA E A MÚSICA

por J. Mazzioti

(DE «TEATRO AL DIA» — NOVA IORCA)

vasto que o homem possui. Mais completo, até, que as próprias palavras. A música não tem preconceitos, nem limites impostos pelas raças e pelos continentes. É universal. Com a palavra não compreendemos — falamos dum entendimento espiritual e de ideias — nada que não for expresso na nossa língua, ou em linguagem que entendamos artificialmente.

Com a Música sim, que chora, ri, joga, vive e, parte verdadeiramente, importante, nunca engana. Podemos afirmar muito mais, ainda, citando a frase de alguém que disse que «a Música é a única página escrita completamente a favor da Humanidade».

Pensamento filosófico notável, no qual está sintetizada toda a acção social que a Música pode exercer e que, no entanto

está em potência, quer dentro da sua mais nobre e elevada expressão, quer no seu mais débil e fino acorde.

O Cinema é um meio que servirá para difundir a Música entre o Público e esta é mais uma razão para se concluir que o devemos ajudar sem reticências.

Embora de maneira restrita, este aproveitamento mútuo da Música e do Cinema começou já há alguns anos. Não é nossa intenção transcrever, agora, uma lista de todas as películas musicadas aparecidas nos últimos anos. Seria uma tarefa fastidiosa para o leitor, e para quem escreve um simples elaborar de lista, sem nenhum valor original.

O que nos prevenimos é levar os leitores, numa espécie de viagem de recordação e exemplo, através dessa produção, porém, servindo-nos de alguns títulos principais, daqueles que, se não me engano, foram obras que deixaram um sítio favorável.

Em 1934 que o Cinema volta as atenções para a música a que me tenho referido e, então, que aparecem as primeiras fitas musicais... desta música.

Vimos, na Argentina, e com grande êxito «Uma Noite de Amor» e recorda-se, ainda, «Boiero» onde ouvimos a popular canção de Kavel e também «Jona e ranisquitas», com o fácil ambiente de uma opereta, uma zarzuella.

Mas é em 1935 que este tipo de produção se acentua, com caracteres, e bem que não definitivos, pelo menos mais seguros.

Vimos e ouvimos, «Sinfonia Incompleta», «Serenata do Amor». Mais tarde um filme sobre Chopin que nos dizia algo da verdade romântica, do romantismo enfático do grande génio polaco. Inconscientemente todas essas foram fitas com realidades históricas diluídas e conceitos equivocados. Não esqueçamos, no entanto, que foram as primeiras.

Em 1936 «Sonho dum Noite de Verão» teve a companhia as suas imagens a suave música da composição do mesmo nome de Mendelssohn. E a figura de Mozart passou também num filme que era um palido reflexo da realidade, dessa realidade tão grande como foi a de Mozart, génio que reviveu em si a antiguidade grega.

Em 1937 produziu-se ainda mais e com maior critério. «A Nona Sinfonia», «Um Grande Amor de Beethoven», «Os Amores de Weber», são nomes que não esqueceremos. «Sonata ao Luar» apresentou-nos a magnífica e grande figura de Ignace J. Paderewsky.

No ano seguinte continuou a onda de apresentações de grandes vultos musicais — coroados com nada menos que Leopold Stokowsky e sua Orquestra Sinfónica de Filadélfia que vimos e ouvimos em «100 Homens e uma Rapariga».

Grace Moore da Ópera Metropolitana de Nova Iorque, actual diante das câmaras cinematográficas desde 1934. Na cinematografia europeia surgiu já há muito tempo uma grande estrela e boa soprano, agora na América, Martha Egghert.

Lawrence Tibbett, também barítono do Metropolitan é actor de cinema. Um grande soprano lírico fez a sua apresentação em 1936: Lily Pons. E, além destes, há ainda Jean Kiepura, Jeannette MacDonald, Nelson Eddy, Nino Martini, Benjamin Gigli. Faltará alguém? Julgo que não mas se de algum nome nos esquecermos facilmente os leitores se encarregarão de preencher a lacuna, de que desde já pedimos desculpa.

Queremos fechar este artigo falando dum grande possibilidade, dentro deste assunto de que tratamos, que se apresenta para o cinema argentino. É sabido que há muitos anos que o cinema argentino merece verdadeiramente este nome. No entanto, em poucas oportunidades se têm sabido fixar as riquezas naturais da Argentina.

Em poucas oportunidades se produziu algo que tivesse um tema original e atraente. Sendo tudo isto principalmente importante para o produtor, é natural que ele se tenha esquecido nos seus primeiros grandes passos, dos factores artístico-culturais. E em especial da música. Mas é de desejar que brevemente ele apresente películas que utilizem estes factores.

Há na Argentina intérpretes capazes e sérios que podem enfrentar, sem perigo e com dignidade, a tarefa. Possivelmente, muito em breve, directores e produtores argentinos se darão conta do que isto significaria, do que importaria para o benefício cultural do nosso país, que no estrangeiro fossem conhecidos os nossos melhores artistas. Isso elevaria notavelmente o nível da produção argentina.

mar de pitoresco e cativante, sem se sair dos cais dum grande porto de mar ou dos mercados duma cidade, ou até, aqui em Lisboa, fazendo a ronda dos cafés da baixa ou daquelas esquinas do Rossio para o Largo D. João da Câmara, para a Rua do Carmo e para a Rua do Ouro, das cinco às sete da tarde, quando por ali passa Lisboa inteira e os provincianos que estão em Lisboa?!

Certos dias, de Lisboa e da provincia, poderiam fornecer belos documentários. Os dias de festa e romaria popular, nas aldeias, de norte a sul de Portugal, disseminados, gárrulos e garridos dos mercados e feiras, e outros de mais subtil encanto e sabor espiritual, como o dia da procissão do Senhor dos Passos em qualquer terra portuguesa.

Lisboa tem um dia, principalmente no verão, de que se poderia fazer um documentário cheio de vivacidade, de agitação, de pitoresco, de ironia e de emoção: é o domingo, o domingo lisboeta, o domingo alfacinha...

O domingo, aqui, como em toda a parte, já começa, um pouco, no sábado, muitas vezes, com a viagem para fora e quase sempre com os preparativos, os projectos que são já de saborear e gozar a festa.

Mas, basta que nos levantemos muito cedo nesse domingo de verão, a horas em que, vendo a cidade dum alto, encontramos aqui e ali, no deslizar da manhã, luzes que se acendem, janelas que se iluminam, chocando-se estranhamente com a luz difusa do dia que nasce, fazendo adormecer as alegres impaciências e alvoroço

ços de crianças de todas as idades que se levantam, depois dum sono inquieto e ansioso pelo dia, pelo passeio ou pelo divertimento cidadão.

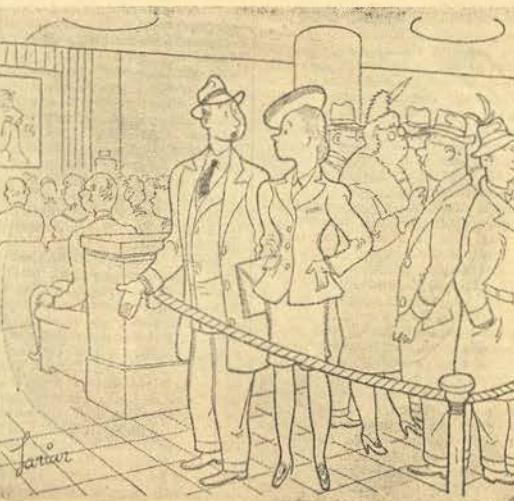
Depois, ainda de manhã, poderíamos ir pelos lugares de onde partem camionetas e às estações de caminho de ferro, aos Restauradores, ao Rossio, ao Cais do Sodré, observando os grupos, as famílias, os ranchos de vizinhos e amigos que embarcam, muitos com o ar e os atributos, a bagagem denunciadora desse tradicional «tio lisboeta» (ir às hortas) passar o dia, o cabaz de vime, vermelho, que certamente contém o frango assado e os bolos de bacalhau, o garrafão, ou ainda a «borrachas» de vinho, a guitarra.

E outras, diversas e desvairadas gentes, o burguês, o janota, o povo, as três classes dos combóios que saem apinhados, com as classes misturadas, as classes dos combóios e das gentes.

No Terreiro do Paço e também no Cais do Sodré, embarca-se nos pequenos vapores da Travessia do Tejo, para o Barreiro, Cacilhas, Trafaria, Cova do Vapor, toda essa Outra Banda que se estende até à barra, com as suas praias, os seus pinhais, as suas povoações e a correnteza dos restaurantes do Ginjal que à noite, iluminados, lembram as luzes dum grande arrabal em que se espera pelo fogo de vistas, e pelos foguetes de lágrimas e de fantasia.

Percorrendo a cidade, pelo seu domingo, todo contente e amável, de fato novo,

(Conclui na 4.ª página)



CINEFILIA

— A arramadora demora tanto que, se calhar, descobriu algum lugar vazio e está a ver a fita

A FEIRA DAS FITAS

CALENDÁRIO DO CINEMA

1895
(13 DE FEVEREIRO)

A Tia de Charley

(Charley's Aunt)
Poucas vezes o «travestido», sempre difícil na sua aparente facilidade como efeito cômico, pelos perigos que apresenta e pelas exigências que comporta, terá sido bem explorado como na farsa de Brandon Thomas — «A Tia de Charley», em português mais conhecida por «Madrinha de Charley» título com que foi apresentada a peça e a primeira versão cinematográfica da obra, agora novamente adaptada à tela.
Toda uma acção fértil em complicações e em arbilhos gira à volta dum «travestido», explorado com pleno rendimento e proporcionando situações engraçadas.
Esta nova adaptação da obra de Brandon Thomas, pelo saber com que foi feita, pelo valor da interpretação, e do cuidado de memorização do realizador, resulta um belo espectáculo, alegre, fértil de gargalhada e de boa disposição.
George Seaton que fez o arranjo cinematográfico da peça teve artes de a simplificar na sua trama geral, e de a recriar de «gaga» felizes, adoptando o diálogo a um ritmo mais movimentado e ao gosto do público actual sem lhe cortar o sabor de fim do século XIX. Foi este sabor, aliás, habilmente mantido, pela encenação, na caricatura dos personagens, na crítica de costumes, dos gestos e dos sentimentos dum tempo tão cheio de bons motivos, para trabalho desta natureza. O jogo de «base-balls» com que abre a fita, as declarações dos dois rapazes apaixonados e a exposição dos sentimentos de Sir Francis Chesney, como pai e como aristocrata arruinado, são óptimos exemplos deste sentido de caricatura. Archie Mayo, o realizador, tirou ainda, da marcação das cenas, um partido notável de que resultou alto rendimento cômico. A apresentação das duas namoradas à falsa «tia» e toda a cena final são, sob este aspecto, definitivas.
Todo o conjunto de intérpretes, onde há artistas como Reginald Owen (Redcliff), Laird Gregor (sir Chesney), Edmond Gwyn (Spettigue) e Kay Francis (Lucia d'Alvadores), serve à acção com eficiência e sentido. Pelo valor do seu trabalho, o entanto, Jack Benny merece uma referência especial. Grande foi a sua contribuição para o bom resultado do «travestido». A sua mistura de marlião e de tia velha, pelo grotesco das atitudes e riqueza de pormenores fazem deste seu trabalho um dos melhores da sua carreira, e também um dos bons «travestidos» cômicos do Cinema. — F. G.

Benito Perojo

(Concluído da 2ª página)

Um milhão para os cinemas que o exibem; um milhão para a produção; 600 mil para o Estado, correspondentes aos impostos de 30 % sobre a receita bruta, encaram o espectáculo cinematográfico, «grosso modo»...
Os produtores espanhóis em face dos problemas, procuram trabalhar com certo. Tenho fé em que, dentro em breve, a boa vontade dos governantes encontre a compensação numa expressão cinematográfica mais perfeita, quer sob o ponto de vista industrial, quer sob o aspecto artístico.
O espectáculo cinematográfico em Espanha continua a interessar as massas? — Sim e não. Quando o espectáculo é bom, o público acorre. Quando é mau — não afliu. Esta regra, que se observa em todos os países e com todos os espectáculos, tem em Espanha, no momento actual, uma expressão mais aguda. As dificuldades de vida criadas pela guerra, a carência de transportes, a ausência de filmes americanos recentes, a má qualidade de muitos filmes nacionais — explicam possivelmente o fenómeno, que tem o aspecto puramente transitório. Quando um filme, espanhol ou estrangeiro é bom — o público afliu em massa! O Teatro beneficia deste colapso. E como o regime de impostos é mais atenuado, pode competir com o cinema, na questão de preços...
— Que impressão colheu dos últimos filmes americanos que viu?
— A certeza de que o cinema a cores — realidade presente — é o cinema do futuro. O preto e branco acabará — como o antigo mudo, em proveito do sonoro. Tremenda arma de que a América dispõe! O cinema colorido, pela sua transcendência, pelo seu custo, pelas dificuldades do processo — vai ser um inimigo dos países pequenos, que dispõem de mercados reduzidos. *Sangre y arena*, sob o aspecto da arte — é um deslumbramento!
— E o que pensa do filme, encarrando-o do ponto de vista do seu «espanholismo»?
— É uma alegre, uma risinha espanhola... Sente-se o cuidado, a ansia de fazer um filme que seja a expressão dos ambientes dum país e da alma do seu povo! Mas faz-se uma caricatura, quando se pretende conseguir um retrato. *Sangre y arena* não passará em Espanha. Retenhamos que alguns dos seus defeitos, sob o ponto de vista por que os estou analisando, são vantagens para as platéias estrangeiras. Mas em Espanha não o poderíamos ver, com os mesmos olhos. Não há acinte, nem maldade, por parte dos produtores americanos. Longe disso! Mas há certos aspectos, a Espanha que ali se apresenta, é um país de opereta — que nada tem que ver com aquele que se pretende retratar.
E mais não disse, Benito Perojo. Há que falar sobre as suas palavras, francas e desasombradas. Contém ensinamentos e indicações que não são de encantar de pouco leve.
FERNANDO FRAGOSO

PARA QUE O CINEMA PORTUGUÊS EXISTA, É NECESSÁRIO QUE O PÚBLICO O APLAUDA E DEFENDA

O hábito não faz o monge

(Alias the Deacon)

Nat Perrin e Charles Grayson, inspirados numa peça de John B. Hymer e Le Roy Clemens, construíram o argumento desta fita, que não é falta de imaginação, e que se prestava às maravilhas para um grande filme com um grande actor.
O batoteiro que, sem abdicar do seu vício, resolve um importante caso, fazendo-se passar por um bondoso juiz, é um estudo merecedor de melhor tratamento que o dum simples e desprezível comédia. (Levamos em conta o seu desprezível para não culparmos o produtor do lamentável descuido de entregar ao excelente Mischa Auer um papel tão insignificante).
Bob Burns, no batoteiro, atrevidote e irreverente que, ao fazer-se passar por juiz, toma um aspecto beatífico, propondo-se conduzir ao bom caminho os que dele andam arredados, interpreta esta personagem com a inteligência habitual.
Dennis O'Keefe, Peggy Moran e outras formam o elenco em que está incluído Mischa Auer, actor cômico de excepcionais recursos a que a figura que lhe distribuíram neste filme não permite que brilhe. — J. M.

Três doidos e três doidas

(Argentina Nights)

Os Irmãos Ritz, as Irmãs Andrews e as primeiras cenas do filme advertem-nos, como o título o indica, que estamos na presença dum *fita doida*. É a pena que o não seja completamente, porque, para falar com franqueza, nos tempos que vão correndo, não sei que valerá mais, se ser doido, se ter juízo.
A história não é novidade nenhuma e o facto de localizarem parte da acção na Argentina não tem outra justificação que não seja o interesse dum bom negócio de exploração do filme para a América do Sul. Tanto mais, que das tantas coisas que se podiam aproveitar do folclore argentino, nada se vê, nem se ouve, visto que a canção «Amigo we go Riding Tonight» que George Reeves canta acompanhando com o côro Gaúcho, não passa dum americanização como tantas outras. Da história, se observarmos bem, verificamos que apesar de terem pretendido dar-lhe um desenvolvimento que interessasse o espectador no seu desenrolar, não atinge, porém, essa perfeição. Vive todo o filme e vive todo o interesse do público, da série de *gags*, alguns mesmo notáveis, dos Irmãos Ritz.
Resultado que o filme, analisado em conjunto, não passa dum espectáculo de music-hall onde há números muito bons, outros fracos e outros cuja falta se nota, mas que o produtor não contratou, por razões que só ele sabe.
Ora o music-hall, para que satisfaça e constitua, de facto, um bom espectáculo, tem de ser orientado de forma que se não dê pelos seus deslizes, absolutamente naturais, mas que se devem evitar, distribuindo os números de acordo com a sua categoria e o seu género. É isso que não

encontramos neste filme que podia muito bem ser um excelente espectáculo de music-hall como só o cinema pode dar, mas que o não é porque se pretendeu encher o filme com os Irmãos Ritz, que — pobres deles — apesar de todo o seu dinamismo e da sua fantasia, não a têm assim a ródor para a poderem esbanjar em milhares de metros de filme, sempre com o mesmo interesse e a mesma vivacidade. Ainda se a história os ajudasse, vá que não vá, mas assim, salvam-se só, e de que maneira, nas suas cenas, bem poucas por sinal, mas as suficientes para que o espectador desprevenido não fique com uma falsa noção deles. O outro elemento, também de grande valor obteve o produtor para o filme: as Irmãs Andrews. Famosas, com uma popularidade extraordinária, as Irmãs Andrews são, de há muito, conhecidas dos portugueses que diariamente as ouvem por intermédio da rádio. Foi a primeira vez que as vi, se bem que já tenham aparecido noutros filmes, e, confesso, fiquei a simpatizar com elas como cinefílico que sou, depois de já ser um grande admirador como rádio-ouvinte. É pena não serem todas bonitas e há mesmo uma que é bastante feiinha, vamos lá. Mas apesar disso elas formam um trio tão notável e têm tal jeito para representar, que não será de admirar que obtenham no cinema a mesma popularidade que têm na rádio.
Gostaria que estas raparigas se especializassem no género cômico, justamente o esboçado neste filme, que por via de um mau tratamento do argumento, só resultam em cheio quando os Ritz as acompanham. Tivessem elas a alegre fantasia que éles têm e veriam o que seria «Três doidos e três doidas». Uma loucura completa, creiam. Loucura que, aliás, mesmo incompleta, não agradou aos argentinos, que partiram tudo e exigiram da firma produtora a destruição do negativo, quando a fita se estreou em Buenos Aires...
Analisado o valor e o resultado da interferência no filme dos dois principais elementos em que está apoiado, compete-nos atender ao mais que há.
Em primeiro lugar a música, com números agradáveis e outros mais fracos, original de vários autores, dos quais destaque Hal Borne, pela sua canção «Brooklynong», cantada pelos Ritz e pelas Andrews.
A orquestra feminina, embora simpática, visto tratar-se de raparigas e quase todas elas lindas, não tem, infelizmente, a alegria que seria para desejar.
Constance Moore e George Reeves formam o par amoroso; ela, a chefe de orquestra, é um matulão qualquer, sem ter nada que fazer senão andar vestido de gaúcho pelas pampas...
Albert S. Roggel dirigiu o filme sem grandes preocupações.
Além de tudo isto, há neste filme, *piadas* no diálogo que passam despercebidas ao nosso público. Temos, por exemplo, o momento em que um dos irmãos, fazendo a conta ao valor das cabeças dos pseudo-bandidos, fica afilto com o que terá de pagar de imposto ao Estado.
Um bravo aos Ritz pela cena da sandwich. — J. M.

Era uma vez um fotógrafo de Lyon que tinha dois filhos. Este fotógrafo, pessoa talentosa, quando em 1880 foram descobertas as chapas fotográficas secas de gelatino-brometo de prata, compreendeu imediatamente a importância que o facto teria no futuro e estabeleceu-se com uma pequena fábrica deste material a que contava dar boa exploração. Todavia, em 1882, aborrecido e desesperado com a carência de materiais e com os fracos resultados dum experiência que tentara o fotógrafo decidiu abandonar a oficina. E foi então que os seus dois filhos, um com 20 anos, outro só com 18, resolveram tomar sobre os seus ombros o pesado encargo de manter a oficina e prosseguir as investigações para melhoria de material e novos aperfeiçoamentos.
Mais tarde, sobre este facto, escreveriam os dois: adormecidos, por assim dizer, no mundo da adolescência, acordámos já homens feitos, quando o sucesso chegou. A oficina, parte dum barracão, quando começámos, cobre hoje todo um bairro da cidade de Lyons.

Chamava-se um dos irmãos, o mais velho, Augusto e outro Louis. Eram filhos do fotógrafo Antoine Lumière.
Quando seu pai quis abandonar os trabalhos, desesperado com o insucesso, a vontade, a tenacidade, o fogo criador dos dois irmãos não o permitiu. Em boa hora... Da energia desses dois geniais trabalhadores, que tiveram de lutar, nos primeiros tempos, contra os mais duros revezes, começaram, em breve, a sair inventos, que formam uma lista das mais vastas e se aplicam hoje, a quasi todos os ramos da actividade humana.
Foi dum dessas invenções que saiu e fundamentalmente, igual à forma que hoje tem, a máquina de sedução mais poderosa, o filtro mágico de maior efeito, o ditador dos sentimentos e das vontades de milhões de pessoas, a escrita mais transcendente dos séculos e a língua mais falada no mundo — o Cinema.

Keim admirava-se no prefácio do seu magnífico livro «Le Cinema», desse facto bizarro e paradoxal que era estar ele a escrever um livro para explicar o Cinema, isto é, a escrever uma linguagem ultrapasada sobre a própria linguagem que ultrapassou; e confortava-se com a ideia de chegar, um dia e tempo em que os aparelhos do cinematógrafo estariam ao dispor do mundo como estão hoje os livros, de chegar o dia em que se pudesse explicar o Cinema pela forma mais clara e na linguagem mais completa e convincente, isto é, pelo próprio Cinema.
Se o caminho percorrido foi grande, não há dúvida que falta percorrer outro que não deve ser mais curto. Mas as passadas firmes do que se andou saíram dum invenção dos irmãos da oficina de Lyon. E o que falta, ainda, é que novos irmãos, de gênio de audácia, de energia, de labor e de gênio ponham ao dispor das bóias sôfregas do mundo aquilo que, em 13 de Fevereiro de 1895, os irmãos Lumière registaram numa patente de invenção: um aparelho de projectar imagens animadas de natureza fotográfica.

Invenção nenhuma tem as suas origens mais confundidas e mais discutidas do que o Cinema. Apaixonante e absorvente em tudo, começará por apaixonar, absorver e deixar perplexo quem pretender destrinçar a meada dos inventos, dos inventores, das reclamações de prioridade, das datas de apresentação, de todos os países e de todos os herdeiros que, querem chamar para os seus a honra e a glória de descobri-

rem o Cinema. A projecção desta é, no entanto, de tal maneira gigantesca que chega e sobra honra e glória para todos quantos para ele trabalharam.
Cabe na mesma coroa de louvor todos quantos lutaram para obter a análise do movimento, desde Daguerre que tornou a sua fixação possível, até Marcy que verdadeiramente a conseguiu. Cabe todos, quantos trabalharam para conseguir a síntese dos movimentos desde o abade Nollet que enunciou pela primeira vez, o princípio da persistência retiniana, a Platteau que o empregou de forma convincente, a Edison que o realizou fotograficamente com o seu «Kinetoscópio».
O Cinema, porém, como tantas obras de Arte só se podia realizar quando viesse um acto de percepção e modificação colectiva da realidade. Porque principalmente no Cinema se realizaram os processos que não poderiam depender só de dois factores — parte criadora e obra criada; como qualquer obra de Arte o Cinema contaria com o esforço criador, com a obra criada e com a sua projecção sobre o espectador que o apreciase.
O Cinema mais do que qualquer outra obra com o seu espectador — multidão de que mais nenhuma Arte se poderá ufanar. E esse abraço da análise e da síntese do movimento, o abraço dessa novíssima e poderosíssima linguagem para a multidão só era possível com o aparelho de projectar. Foi registada a sua patente de invenção em 13 de Fevereiro de 1895 por Augusto e Louis Lumière.
«Foi de todas as minhas invenções aquela que menos trabalho deu e menos nos custou», declarava há alguns anos este último, já quando por 60.000 salos do mundo milhões de homens rendiam culto diário ao Cinema.

FERNANDO GARCIA

Dias Amado

(Concluído da 2ª página)

nalistas e outras entidades.
— Depois, — afirmou o sr. Dias Amado — segundo a maneira com este filme foi recebido em Portugal, resolverei quanto à sua exploração comercial. Penso mesmo numa possível «obragem» destinada ao Brasil...
O nosso compatriota, que conhece os passos recentes do cinema português, narrou por milésimos o entretcho do seu filme, que se desenvolve através de três gerações de uma família espanhola que descende do famoso marinheiro Churrua, que combateu com Nelson, até os passos mais emocionantes da recente guerra que ensangüentou o país vizinho. Algumas imagens de jornais de actualidades foram habilmente «encaixadas» na acção, dando-lhe mais vida e emprestando-lhe maior emoção. E concluiu por dizer-nos que «Raza» havia sido adquirida por entidades japonesas afim de ser apresentado nas Filipinas muito em breve e com o propósito de demonstrar aos filipinos que saberão respeitar a sua independência, os seus direitos históricos de «existir».

AUGUSTO FRAGA

As Três Barcas do Mestre Gil

Céu

Nesta Barca da Glória, que é o Céu, embarcarão todas aquelas obras ou pessoas que, por seus méritos cinematográficos, manifestados nos filmes da semana finda, alcancem tal galardão.

«A Tia de Charley», pelo que nos diverte, merece bem uma viagem de favor nesta barca da Glória.

Purgatório

Na Barca do Purgatório serão expostos, para purgar suas culpas, aquelas coisas ou seres das fitas que, não merecendo os fogos do Inferno, tenham cometido qualquer pecado que lhes vede a entrada no Paraíso cinéfilo.

Por os autores não terem sido capazes de fazer obra mais equilibrada, o filme «Três doidos e três doidas» expia neste lugar as culpas que possui.

★

Dado o seu valor médio, «O hábito não faz o monge» não obtém melhor lugar.

Inferno

A Barca do Inferno será relegada, sem quartel, com muitas chufas e pancadas do remo do Diabo, seu barqueiro, tudo o que nem com a estadia no Purgatório se poderia salvar.

Nos filmes estreados na semana finda nada merece a dura condenação das chamas infernais.

MESTRE GIL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alcorim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telefone P. B. X. 48276 / 41011 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL — Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1941

PREÇO DAS ASSINATURAS

Ano 2650
Semestre 1325

Distribuidores exclusivos:

EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, Lda
MITADA — L. Trindade Coelho
9-2.º (Telef. P. B. X. 27507), Lisboa

BETTE DAVIS, três vezes premiada pela Academia de Hollywood, é a principal interprete de «IN THIS OUR LIFE» ao lado de GEORGE BRENT

Bette Davis, a grande actriz do cinema que é um dos mais extraordinários temperamentos dramáticos que a história da arte das imagens conta em quasi meio século de existência, tipicamente cinematográfica, como o foram, outrora, Pauline Frederick, Lilian Gish, e a Norma Talmadge dos seus bons tempos, tem vindo o cinema, nos últimos anos, com criações notabilíssimas.

A de «Vitória Negra», de «Jezebel», de «Raposas Matreiras», com que acaba agora de alcançar o galardão máximo da indústria americana do filme, para a melhor interpretação feminina, atestam bem o seu invulgar talento, a sua espantosa e dominadora personalidade, todo o seu altíssimo valor de comediente.

Bette Davis é das mais operosas actrizes cinematográficas americanas, e uma das de maior versatilidade, interpretando os personagens de comédia pura com o mesmo brio e igual brilho com que vive as difíceis figuras que os produtores, com o pleno assentimento e interesse da artista, evidentemente, se obtinham em lhe dar. Nos últimos seis meses Bette Davis interpretou três filmes, todos de características absolutamente diferentes. Foram eles «The Bride Come C. O. D.» (A noiva chega por encomenda postal) uma comédia ligeira que interpretou para a Warner ao lado de James Cagney — parceiro verdadeiramente imprevisível —, «A Raposa Matreira», drama intenso, há pouco visto entre nós, e «The Man Who Came to Dinner», de novo para a Warner, transposição cinematográfica da peça de George Kaufmann e Moss Hart, autêntico êxito da Broadway, alta comédia em que Bette Davis tem como rival no amor dum homem, personagem que o novo galã Robert Travis interpreta, a belíssima Ann Sheridan.

Bette Davis está agora interpretando nos estúdios dos Irmãos Warner, empresa que a revelou e onde tem decorrido, a bem dizer, toda a sua carreira desde os tempos da «Flecha de Ouro», de «Música e Mulheres», de «O Mais Fortes», etc.

O filme intitula-se «In this Our Life».

RICHARD ARLEN INTERPRETE DE UM NOVO FILME

O famoso galã que interpretou «ASAS» aparece num filme sobre a acção das vedetas torpedeiras

Richard Arlen, que foi há uma boa dúzia de anos um dos mais populares galãs do cinema americano e um dos nomes de maior categoria entre os que nessa época apareciam nos filmes saídos dos estúdios da Paramount, se hoje já não ocupa essa situação destacada da época das «Asas» ou das «Quatro Penas» continua, embora numa companhia mais modesta, a aparecer aos fiéis admiradores que certamente ainda contará.

Contratado da empresa Pine and Thomas, cujos filmes a Paramount distribui, têm sido vários os filmes que tem interpretado, especializando-se até mesmo em películas de aviação, pois nada menos de três interpretou ultimamente.

Agora porém deixou o domínio das ares pela superfície dos mares, pois é o interprete do filme «Torpedo Boat» em que a acção das vedetas torpedeiras na guerra é especialmente focada.

Nesse filme, que o encenador John Rawlins dirigiu, aparecem ao lado de Richard Arlen, Frances Farmer, uma actriz que o cinema roubou ao teatro mas que, apesar da sua reputação no palco, não conseguiu no cinema alcançar idêntica situação, e a linda Mary Carlisle.

No filme tomam parte também, pela primeira vez, uma nova actriz — Ella Boros. Tal como Helen Gilbert, a interprete de «Florians», que era uma violinista da orquestra do estúdio da Metro Goldwyn Mayer, Ella Boros, fazia parte também do pessoal da companhia, pois foi durante alguns anos secretária dum dos produtores do filme, William Pine. E o que é mais curioso é que em «Barco Torpedeiro» desempenha precisamente o papel duma secretária, nada custando a crer, na verdade, que a sua acção seja um modelo de verdade e de propriedade...

Além de George Brent, «parceiro» predilecto de Bette Davis, ao lado de quem interpretou já cinco filmes, aparecem também Olívia de Havilland e Dennis Morgan, o galã de «Kitty Foyle»

é uma obra de ambiente cerradamente dramático, baseada num argumento original de Helen Glasgow. A seu lado reúne-se um elenco magnífico, formado por bons actores principais e óptimos «secundários». São eles George Brent, o seu parceiro de «Vitória Negra», de «Jezebel», de «The Great Lies», que a seu lado apareceu também em outros filmes antigos, como sejam «Agente Especial» e «Flecha de Ouro», Olívia de Havilland, que pela

primeira vez contracenou com Bette Davis, Dennis Morgan, o galã de «Kitty Foyle» hoje já muito popular; e também Charles Coburn, o magnífico actor que foi o avô à força de «Máscara à Força», e o milionário convertido de «O Diabo e a Meina», e Billie Burke, a que foi na vida real mulher de Florens Ziegfeld e que é no cinema interprete insubstituível dos papéis de senhoras mais ou menos estéticas e mais ou menos tontas.

BOB HOPE o popular cómico americano tem como parceira no último filme MADELEINE CARROLL



Bob Hope

Bob Hope, que os cinéfilos portugueses viram a época passada num filme policial da série «Gato e Canário» que o Condes exibiu, onde aparecia ao lado de Paulette Goddard, e que a semana passada puderam admirar em «Caminho de Singapura», é hoje a figura mais popular do cinema americano, tanto como da rádio do seu país, e a quem o ano passado a Academia Americana destinou um dos seus troféus para prémio da sua preciosa interferência e da sua colaboração valiosa em todas as manifestações festivas levadas a efeito pela indústria em benefício das mais variadas instituições, pois de todas elas foi ele o indispensável, e o in-

cansável «mestre de cerimónias», o animador imprescindível, elemento de grande valor para o bom êxito dessas festas.

Bob Hope, que está desde que se estreou no cinema, contratado pela Paramount, é o interprete do novo filme «My Favorite Blonde» uma comédia ligeira, original de Norman Panam e Melvyn Frank, cujo argumento possui todos os elementos para fazer brilhar aquele magnífico galã cómico. A seu lado aparece, depois de ter interpretado com Sterling Hayden o filme «Bahama Passage» a formosíssima inglesa que era Madeleine Carroll.

Sidney Lanfield, que durante longos anos e até há pouco trabalhava sempre na 20th Century Fox, é o realizador de «A Minha Loira Favorita».

PARIS em duas épocas diferentes reconstituídas em duas produções alemãs

Um dos filmes descreve o exodo da população em Maio de 1940 e é realizado por G. W. PABST o animador de «Tragédia da Mina»

Paris que tem sido no cinema, desde sempre, o lugar de acção dos mais diversos e dos mais extravagantes argumentos, que tem servido de pano de fundo a filmes de todas as nacionalidades, é mais uma

VIVIANE ROMANCE vedeta do novo filme francês «Feu Sacré», realizado por MAURICE CLOCHE

Num ritmo sempre crescente, a actividade cinematográfica francesa prossegue em qualquer das zonas em que este país agora, por efeitos do conflito, se divide, actividade que se reflete na ocupação permanente dos estúdios de Paris, de Nice e de Marselha, e na consequente utilização do pessoal técnico disponível — os campos de presioneiros na Alemanha ainda abrigam bastantes elementos das brigadas técnicas — o que, aliado ao facto de nem todos os estúdios de Paris se encontrarem ainda integrados na indústria para que foram exclusivamente criados, tem até certo ponto limitado o desenvolvimento do cinema de França, o qual noutras circunstâncias teria ainda progredido bem mais.

De igual forma os actores, especialmente aqueles que gozam do favor do público, não têm mãos a medir, vendo-se obrigados a aparecer, filme após filme, nos «écrans» insaciáveis das salas de projecção, satisfazendo assim o desejo imperioso de milhares e milhares de espectadores, que não se cansam de ver os seus artistas predilectos.

Como exemplo perfeito do que acabamos de dizer podemos apontar um nome que desde que o armistício fez voltar o ambiente de trabalho, quasi não deixou ainda de pisar as tábuas dos «plateaux»: o de Viviane Romance, a mais popular e a mais preferida das vedetas do cinema francês, lugar que de há quatro anos para cá vem mantendo com o mesmo brilho.

Depois da guerra a interprete de «Nápoles em Fogos» e da «Casa do Maltês» interpretou já «La Venus Aveugle», que apresenta a dupla particularidade de ser o primeiro filme realizado depois do armistício e de nele Viviane Romance viver um personagem completamente diferente daqueles em que até então os produtores se compraziam em catalogá-la, seguida depois por «Une Femme dans la Nuit», e recentemente, por «Cartacalha reine des Gitans», filme cuja realização chegou há pouco a seu termo.

Pois Viviane Romance, poucos dias depois de ter concluído aquele filme de Leon Mathot vai ser a primeira figura duma nova película que o realizador Maurice Cloche dirige neste momento nos estúdios

«Fogo Sagrado», o quarto filme que a célebre vedeta faz depois da guerra, foca o ambiente do teatro, com todas as suas vicissitudes e todas as suas glórias

de la Vitorine, em Nice, por conta de produções A. Hunebelle. O filme intitula-se «Feu Sacré», e é tirado dum «scenário» original de Pierre Rocher, decorrido a acção nos meios do teatro, e interpretado por Viviane Romance o papel do principal que o «fogo sagrado» transfere numa actriz de grande talento e grande nomeada.

O novo filme espanhol «El Correo de Indias» é interpretado pela actriz CONCHITA MONTE

Edgar Neville é um dos bons realizadores espanhóis, que sem favor se coloca entre meia dúzia de nomes representativos do seu país no campo da encenação cinematográfica, tendo por mais uma vez trabalhado fora da Espanha, especialmente em Itália, dirigido dois filmes.

Neville, que já há algum tempo se tinha inativo, vai voltar a trabalhar, dirigindo um filme de grande envergadura, película de acção e de reconstrução, entretanto decorre em princípios do século passado e que tem por título «El Correo de Indias». De facto, o argumento conta-nos a história dum veleiro halante fazendo serviço entre Cadix e Peru por volta de 1803, ou mais exactamente história movimentada duma das viagens em que o barco é preso dos ingleses em fúria e das abordagens de



Conchita Monte

ratas que nessa época ainda infestavam as mares das Américas.

Esse filme, que será uma produção de grande importância, para a qual foram destinadas verbas, vai ser interpretado por Conchita Monte e Rafael Riquelme, dois nomes de relevo do Cinema espanhol.

Conchita Monte que é uma das mais cultas actrizes cinematográficas do vizinho, entrou para o cinema dum modo absolutamente imprevisível, que se conta. Formou-se em 1935 em Itália pela Faculdade de Madrid, tendo no tempo em que viveu nos Estados Unidos, sido aluna do famoso colégio de cano Vassar. Quatro anos depois, foi para Roma para colaborar no roteiro do filme «Frente a Madrid» produzido por uma sociedade italiana nos estúdios de Cinecittà. Edgar Neville realizou o filme, e os próprios produtores, que curavam a interprete feminina de insistiram com Conchita Monte para que aceitasse esse primeiro papel. Só depois de algumas excitações aceitou o convite, tendo correspondido plenamente à confiança nela depositada pois a actuação nesse primeiro filme foi muito bem. Tanto que se apressou a contratá-la depois para, ainda nos dias de Roma, interpretar a primeira figura feminina do filme «La Rapsodia Muscovita» (A Rapariga de Moscovo) filme anti-bolchevista realizado em Itália, e que, como o actual «Correo de Indias» teve Edgar Neville por realizador.

NOS ESTUDIOS ROMANOS FOSCO GIACHETTI, o conhecido actor italiano num filme sobre a vida de circo: RIDI PAGLIACCIO

O Circo que tem sido tantas e tantas vezes transportado para o cinema, o mundo da pista cujo ambiente tão especial e tão típico tem seduzido realizadores de todo o mundo — não há poder dizer-se, pois produtor algum que não tenha levado para o écran o circo e a sua gente — é mais uma vez o assunto dum filme, desta vez duma produção italiana.

Um jovem palhaço que faz duma rapariga perdida uma vedeta da pista, formando com ela um número acrobático de valor, um «homem mau» que destrói a felicidade da jovem, lançando-a para a prisão é que procura, de novo com a sua presença inesperada, tolida a sua felicidade actual, um desastre aparatoso dum trapézio, são os elementos que servem de base ao argumento deste filme italiano que tem por título «Ridi Pagliaccio», e de que Camil Mastrorcinque foi o realizador.

Fosco Giachetti, conhecido actor do cinema italiano no papel do trapezista, a bela Laura Solari no da sua «partenária» e Othello Tosco no do «vilão» formam o

triângulo dramático em torno do qual gira toda a acção do filme em que a vida dum circo ambulante serve de pano de fundo.

Pequenas notícias

● Nos estúdios da S. A. F. A. ficou concluído o filme de ambiente militar, produzido pela Cristallo-Exelsa Film, intitulado MAS, de que Romolo Marcellini é o realizador e Tino Santoni o operador tendo como intérpretes Valentina Cortese, o popular galã italiano Andrea Cecchi — embora o nome pareça feminino trata-se, de facto, de um homem — Nuno Crisman, Guglielmo Sinaz, Umberto Scarpanti, Luigi Pavese, Mario Giannini, Guido Notari e Felice Romano.

● Em Cinecittà prossegue a realização do filme IL MERCANTE DI SCHIAVE de que Aunetta Bach, Enzo Fiermonte, Augusto Di Giovanni, Elena Zareschi, Dino Di Luca, Ernesto Bianchi e Enzo Monni são os intérpretes, tendo Duilio Colletti por realizador e sendo Aldo Tonti o operador.

em duas épocas diferentes reconstituídas em duas produções alemãs

vez, o meio onde decorrem dois filmes recentes da história daquela capital.

Um deles, o que se intitula «Verwehte Spuren» (Peste em Paris), de Tobis, decorre em Paris por alturas de 1887, o ano duma das suas exposições famosas, descrevendo a história das dramáticas peripécias ocorridas a uma americana que, inadvertidamente, perde o rasto de sua mãe que com ela viera de visita à Exposição. A razão desse desaparecimento é simples. Trata-se de não revelar a ninguém a presença, na cidade, da americana morta inesperadamente de peste para que não estabeleça o alarme na população, para mais na altura duma Exposição. O filme, que foi dirigido por Veit Harlan, é interpretado na personagem da jovem americana, por Kristiana Söderbaum, uma brilhante actriz alemã da nova geração.

O outro filme, uma produção da Terra dirigida por G. W. Pabst, o realizador de «Tragédia da Mina» e de «Atlantida», intitula-se «Die Grosse Entscheidung» e tem por primeira figura a vedeta Sybille Schmitz. O argumento, da autoria de Walter Forster, decorre em Paris, mas num Paris sobre o qual passaram cerca de cinquenta anos depois daquele em que se passou o outro filme.

De facto, a acção decorre em Maio de 1940, por ocasião do exodo da capital, consequência da aproximação do exército alemão, fazendo Sybille Schmitz o papel duma belga que vive nesse momento em Paris e que procura voltar para o seu país.

● C'E UN FANTASMA NEL CASTELLO, da Stella Invicta está sendo dirigido por Giorgio Simonelli e é interpretado por Virgilio Riento, Silvana Jachino, Guglielmo Banabò, Vanna Martinez, Oswaldo Geunazani, Romolo Costa, Nino Tamberlani e Trilli. Eduardo Lamberta é o operador.

● Guido Brignone, encenador da velha guarda, está dirigindo nos estúdios de Cinecittà, por conta das produções E. I. A., o filme TURBAMENTO, tirado da comédia homônima de Guido Cantini e de cujo elenco fazem parte Mariella Lotti, Renzo Ricci, Sergio Tofano, Luíza Beghi, Tina Lattanzi e Giuseppe Rinaldi.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA